



A confrontação entre o conceito de leitor-modelo de Umberto Eco e a teoria da percepção de Peirce aplicados na obra Alice nos país das maravilhas de Lewis Carroll ¹

Leandro Silva TAVARES ²

Romilson Marco dos SANTOS ³

Centro Universitário do Sul de Minas, UNIS-MG

Resumo

Muitas pessoas consideram a obra Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll como uma obra estritamente voltada para o público infantil. Pouco se sabe das referências científicas, das alusões literárias e os jogos de lógica, contidas na obra. Tudo isso pode ser fundamental para o leitor ávido por descobrir caminhos novos ao percorrer as páginas junto com Alice. Mas nem todos se aventuram a fazer uma análise profunda da obra, ou mesmo, tentar descobrir algo além das histórias fantásticas. Esse artigo tenta explicar o processo de comunicação existente na obra de Carroll, através da teoria da percepção de Peirce e das teorias sobre texto de ficção de Umberto Eco, e também através de uma pesquisa realizada nas escolas de ensino médio de Varginha. O objetivo é estudar a relação existente entre autor, leitor e a obra em si; como é percebida a obra e como é a participação do leitor no texto de ficção.

Palavras chave: Percepção. Leitor-modelo. Ficção. Alice. Narrativa. Interpretante.

1 Introdução

A obra mais conhecida de Carroll é **Aventuras de Alice no país das maravilhas**, poucas pessoas conhecem a obra **Através do espelho e o que Alice**

¹ Trabalho apresentado no IJ-08 Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Autor: Aluno do 7º período de Publicidade e Propagandas do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais. pilotovga@yahoo.com.br.

³ Orientador: Professor do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais - UNIS-MG. Especialista em Marketing e negócios. Mestre em Comunicação e Semiótica. romilsonmarco@yahoo.com.br.



encontrou lá. As duas obras possuem alto teor sugestivo, desde problemas lógico-matemáticos até complexas teorias científicas, mas ainda sim Carroll carrega o fardo de ser conhecido como autor de histórias infantis. Não é o escopo desse trabalho, fazer uma crítica literária, mas determinar a relação existente entre a obra, o autor e o leitor. Dessa relação podemos extrair os elementos necessários para compreender como a obra tende a ser interpretada, quais são os papéis a serem desempenhados para que esta interpretação aconteça.

2 Contexto da obra

Reverendo Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido como Lewis Carroll, foi um escritor e um matemático britânico. (Lecionava matemática no Christ College, em Oxford). Era aficionado por crianças entre 8 e 12 anos, especialmente meninas, das quais tirava fotografias, sendo desbravador dessa arte na sua época. Carroll era apaixonado por vários tipos de jogos, tanto que inventou um grande número de enigmas, jogos matemáticos e de lógica; gostava de teatro e era freqüentador de ópera. Como se vê, trata-se de um autor bastante peculiar.

Segundo a maioria dos críticos de Carroll a história teve início em 1862, quando Charles Lutwidge Dodgson fazia um passeio de barco no rio Tamisa com sua amiga Alice Pleasance Liddell (com 10 anos na época) e suas duas irmãs. Lá ele começou a contar uma história que deu origem à atual. A Alice do mundo real pediu-lhe que ele lhe escrevesse o conto. Dodgson atendeu ao pedido e em 1864 ele a presenteou com um manuscrito chamado *Alice's Adventures Underground*, ou *As Aventuras de Alice Embaixo da Terra*. Mais tarde ele decidiu publicar o livro e mudou a versão original, aumentando de 18mil palavras para 35mil, notavelmente acrescentando as cenas do Gato de Cheshire e do Chapeleiro Louco (ou Chapeleiro Maluco).

A tiragem inicial de dois mil exemplares de 1865 foi removida das prateleiras devido a reclamações do ilustrador John Tenniel sobre a qualidade da impressão. A segunda tiragem esgotou-se nas vendas rapidamente, e a obra se tornou um grande sucesso, tendo sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória e tendo sido traduzida para mais de 50 línguas.

Vale dizer que as obras de Alice foram escritas na era Vitoriana (1837-190) onde o romance se tornou o principal estilo literário. A maioria dos escritores estava agora, mais concentrada em agradar o gosto do público leitor da classe média do que de



seus patronos aristocratas. O melhor dos trabalhos conhecidos da era inclui trabalhos poderosamente emocionais das irmãs Bronte, a sátira *Vanity Fair* de William Makepeace Thackeray, os romances realistas de George Eliot; e os criteriosos retratos de Anthony Trollope da vida da classe artesã e camponesa. A era vitoriana, que recebe esse nome por causa da Rainha Vitória, inaugura um longo período de grande importância do jornal como meio de comunicação e de difusão das novidades científicas e discussão sobre política e religião. Em 1830 a escravidão é abolida na Inglaterra. O requinte e a sofisticação passam a ditar as linhas arquitetônicas e a moda. A literatura serve também para a discussão sobre os efervescentes momentos históricos.

Alice é uma menina que viaja através de seus devaneios a um mundo completamente desprovido do sentido que nós atribuímos às coisas. Tanto em **Wonderland**⁴ quanto em **Looking-glass** os personagens colocam Alice em dúvida sobre convenções aparentemente comuns, mas que são bases para nossa percepção da realidade, como: o que é pesado ou leve? O que é alto ou baixo? O que somos de fato? Etc. Mas antes devemos nos ater aos aspectos gerais da obra:

Lewis Carrol carrega até hoje o fardo de ser considerado autor de literatura infantil. A maioria só ouviu falar de **Alice no país das maravilhas**, que vagamente leu na infância em adaptações. Alguns poucos leram também **Através do espelho**, e ficaram por aí [...], também se foi compreendendo que não são apenas caprichosas fantasias. Pois não há nada por trás dos enredos e personagens desses dois livros que não esteja rigorosamente referenciado, seja através de dados da própria existência de Carroll, seja através de inúmeras alusões literárias, científicas, lógico-matemáticas, etc. (LEITE, 1980, p. 7).

Segundo Leite a maior parte dos leitores consideram as obras de Alice voltadas estritamente para o público infantil. Mas segundo ele, os críticos de Carroll levantaram inúmeras hipóteses das referências científicas, lógico-matemáticas, alusões literárias, etc. Sendo assim, há um impasse entre o que a obra pode sugerir como interpretação e o que os professores responderam na entrevista revelando suas visões da obra, pois segundo a maioria, a obra se destina a um público infantil, ainda que houvesse aqueles que respondessem que a obra sugeria um aprofundamento de questões científicas, nenhum desses soube definir com clareza o estilo literário de Lewis Carroll.

⁴ **Alice in Wonderland** e **Through the looking-glass** são os títulos originais em inglês para Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou lá.



O método que utilizaremos para estudar as possíveis interpretações é estabelecer modelos que sirvam de guias para encontrar os limites da interpretação e evitar uma análise a partir da psicologia e ou das exegeses alegóricas, pois o texto é dividido em vários trechos que geram uma significação, sendo assim, podemos dizer que o significado geral do livro vai sendo construído momento a momento junto com a percepção do leitor⁵, assim:

O próprio Gardner advertiu para as suas restrições metódicas, tendo evitado dois tipos de notas: as exegeses alegóricas e psicanalíticas. Os livros de Alice, diz Gardner, são suscetíveis de interpretações simbólicas como quaisquer outros. Mas, algumas dessas decifrações são tão óbvias que qualquer leitor esclarecido poderá fazê-las. (LEITE, 1980, p.8).

O papel do leitor para definir o estilo literário é fundamental, haja vista que o próprio Carroll construiu sua história tendo como ouvinte a própria Alice, sua amiga, que lhe serviu de inspiração. Outro autor fala sobre essa relação criando um conceito de leitor-modelo. “[...] Esse tipo de espectador (ou de leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. [...]” (ECO, 2001, p. 15).

O leitor-modelo nasceu da idéia de que se alguém conta uma história, pressupõe que haja um ouvinte e que ele participe do processo do conto. “[...] Mas numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história.” (ECO, 2001, p. 7).

ECO explica que um texto narrativo é como um bosque, quando entramos nele temos a possibilidade de escolher caminhos. Os leitores, segundo ele, procuram fazer algumas escolhas que sejam mais razoáveis que outras, essas, se baseiam no bom senso, no entanto seria um erro pensar que se lê um livro de ficção em conformidade com o bom senso. (ECO, 2001, p. 14). Obviamente não é o que exigem de nós Carroll nas obras de Alice. De fato, seria impossível a leitura da obra, uma vez que o bom senso nos levaria a rejeitar a idéia de que Alice conversa com animais, atravessa espelhos, diminui e aumenta de tamanho, etc. Essas escolhas são baseadas em regras dispostas ao longo da narrativa que vão caracterizando um tipo ideal de leitor, como se em algum momento descobríssemos que temos um papel a desempenhar, tanto em relação a nossa percepção da obra quanto a nossa capacidade cognitiva para fazer inferências. De certa forma,

⁵ Notas em sala de aula do curso de graduação em Publicidade e Propaganda, matéria: Semiótica.



Alice é a única personagem nas duas obras que possui características humanas convencionais, isso faz dela uma referência de escolhas razoáveis pela qual o leitor se norteia, e é justamente pelo fato de Alice ser a única personagem comum dentro da obra que nos identificamos com ela, não poderíamos de fato nos identificar com a Lebre de Março, por exemplo, pois quem em sua sanidade mental brigaria com o tempo como se este fosse alguém que pudéssemos conversar e pedir favores? É justamente através de nossa identificação com Alice que o autor consegue colocar nossas crenças em dúvida, pois não há um momento em que Alice não tenha ficado confusa em relação a tudo aquilo que ela convencionalmente acreditava como certa.

Mas a quebra dessas crenças não se dá de forma aleatória. É aí que as referências científicas entram, pois o mundo fantástico criado por Carroll possui regras bem definidas e criadas a partir de seu próprio conhecimento na área científica. Daí a importância da obra para os teóricos. A quantidade de referências dentro da obra **Alice in wonderland**⁶ e **Through the looking-glass**⁷ mostra claramente isso:

A descida do poço em **Wonderland** referida às especulações sobre a travessia até o centro da terra e à teoria de Galileo sobre a relação entre velocidade / aceleração; os crescimentos e diminuições de Alice referidos a teorias cosmológicas sobre o universo em expansão, e à hipótese (do matemático Edmund Whittaker) de que Carroll teria sugerido um universo em diminuição constante, que desapareceria no nada; a indagação de Alice sobre o leite do espelho referidas a constatações, na estereoquímica, de que as substâncias orgânicas tem arranjos assimétricos de átomos e a especulações sobre a antimatéria (do outro lado do espelho só uma anti-Alice poderia beber o antileite do espelho)[...]. (LEITE, 1980, p.14 grifo do autor)

Todas essas hipóteses podem ser feitas pelo leitor, mas poderíamos dizer que, ao se tratar de um mundo fantástico, ou seja, onde tudo pode acontecer, o autor tem plena liberdade para colocar todas as suas especulações em forma de narrativas. Essa visão do autor pode ou não chegar até o leitor. Lembremos que a obra não existe sem o leitor e o texto é dependente desse último para construir a significação.

Quando o leitor finalmente se dispõe a construir essa significação o texto ganha vida, entramos numa espécie de simulacro. Mas podemos definir de maneira geral que tanto em **wonderland** quanto e em **looking-glass** existem dois ritos de passagem que determinam a entrada de um mundo real para um mundo fantástico. Na primeira isso acontece quando Alice persegue o coelho e entra em sua toca, na segunda Alice se

⁶ **Alice in Wonderland** nome em inglês da obra Alice no país das maravilhas.

⁷ **Through the looking-glass** nome em inglês da obra Através do espelho e o que Alice encontrou lá.



imagina do outro lado do espelho quando de repente se transporta até lá. Para o leitor-modelo esse é um momento importante, pois segundo ECO existe um acordo ficcional entre o leitor e a obra de ficção:

A norma básica para lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão da descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente finge dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu. (ECO, 2001, p.81 apud Searle, 1975, p.14)

Mas como se trata de um mundo fantástico, é inevitável a nossa comparação com o mundo real. De certa forma, temos essa necessidade de utilizar fatos do nosso cotidiano para servir como elementos de construção para as obras de ficção. Em Alice os personagens se caracterizam por um comportamento típico da era Vitoriana, além é claro dos costumes da Inglaterra nessa época.

E, assim, temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. [...] Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra. (ECO, 2001, p.89)

Como podemos ver, tudo aquilo que existe de percebido do mundo real colabora diretamente com o efeito da interpretação. Santaella explica melhor como funciona essa percepção sobre um objeto (no caso dos nossos estudos, a obra de Alice). “[...] nada podemos dizer sobre aquilo que aparece, senão pela mediação de um julgamento perceptivo, isto é, uma interpretação. [...]” (SANTAELLA, 1998, p.97). Contudo, esse julgamento de percepção depende dos esquemas interpretativos que somos dotados, em outras palavras, só percebemos aquilo que estamos equipados para interpretar. Ou seja, nosso universo mental só capta aquilo que o interessa, tanto no nível de um signo sonoro ou mesmo de palavras impressas no papel. (SANTAELLA, 1998, p.99). Sendo assim, o leitor-modelo pode não servir como simulacro nesse universo ficcional como propõe Eco, pois temos que levar em conta todo conhecimento que o leitor pode dispor sobre uma Inglaterra bem longe de nossa época. Isso sem falar na imprevisibilidade de interpretações segundo o universo mental de cada indivíduo.

Sendo assim podemos analisar algumas características da narrativa de Carroll ou das narrativas de ficção de um modo geral, como por exemplo, o fato de serem fatalmente rápidas, sem se perder em detalhes, pedindo ao leitor o tempo todo que preencha as lacunas deixadas no texto, isso, devido ao fato de ser quase impossível descrever um mundo ficcional com todos os detalhes, entretanto há momentos em que a leitura pode ficar mais lenta para permitir uma maior participação do leitor. “[...] Uma das técnicas que um autor pode utilizar para demorar-se ou diminuir a velocidade é a que permite ao leitor dar “passeios inferenciais”.[...]” (ECO, 2001 p.56). Essa participação é fundamental para que o leitor, depois de passar por todas peripécias em **wonderland**, experimente o prazer de sair da toca e acordar junto com Alice. É o leitor quem ajuda a construir o mundo fantástico. O devaneio de Alice passa ser o devaneio de todos nós. “[...] É a mente, portanto, que constrói o mundo , de acordo com um potencial que lhe é próprio, a partir de uma matéria bruta fornecida pelos sentidos. [...]” (SANTAELLA, 1998 p. 25). Assim cada leitor terá uma percepção própria da obra segundo seu próprio repertório.

Vejam os trechos em que através de Alice o autor nos apresenta uma maneira diferente de ver o tempo:

Alice suspirou enfastiada. _Acho que você deveria ter mais o que fazer _comentou_ ao invés de gastar o tempo com adivinhas sem respostas. _Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço _ disse o Chapeleiro _ não falaria como se ele fosse **uma** coisa. Ele é **alguém**. _Não sei o que você quer dizer _ respondeu Alice. _Claro que não sabe! _ disse o Chapeleiro, inclinando a cabeça para trás com desdém. _Diria mesmo que você jamais falou com o Tempo! _ Talvez não _ replicou Alice cautelosamente _ mas sei que tenho que marcar o tempo quando escuto música. _Ah! Olhe aí o motivo! _ disse o Chapeleiro. _ O Tempo não suporta ser marcado como se fosse gado. Mas, se você vivesse com ele em boas pazes, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio. Por exemplo: vamos dizer que fossem nove horas da manhã, que é hora de estudar. Você teria apenas que insinuar alguma coisa no ouvido do Tempo, o ponteiro correria num piscar de olhos: uma hora e meia, hora do almoço. (CARROLL, 1980 p.88 sic).

Como podemos ver nesse trecho, o Chapeleiro coloca em dúvida o que Alice entende por tempo. Considerando a dimensão e profundidade de algo tão abstrato como o tempo, ele se apresenta na obra como um ente, uma força da natureza, muito embora disfarçado sob a metáfora dos personagens, isso configura a representação de um objeto difícil de definir. Mas Carroll coloca em cheque, não o objeto ou sua representação, mas seu interpretante, ou em outras palavras, a maneira como nós interpretamos. Embora muitas vezes nos coloquemos no lugar de Alice, o Chapeleiro constrói uma



argumentação baseada na lógica, observem que sua premissa de que o tempo é “alguém” serve de base para levantar hipóteses sobre nossa real percepção do tempo. Medir o tempo em forma de intervalos é uma convenção social de que todos nós estamos sujeitos no cotidiano, somos de certa forma escravos do relógio. Se formos levar isso a diante veremos que as próprias palavras são convenções sociais. Assim Santaella explica que palavra é uma espécie de lei, por se tratar de uma propriedade, assim como funcionam todas as convenções sócio-culturais.

No caso das palavras, por exemplo elas são leis porque pertencem a um sistema, sem o qual palavras não passariam de tartamudeios. Por pertencerem a um sistema, em cada língua, as palavras se conformam a certas regras combinatórias de sons e de seqüências de palavras que são próprias da língua em questão. A lei de que as palavras são portadoras fará com que, cada vez que uma palavra ou grupo de palavras ocorrerem, sejam entendidas como significado aquilo que o sistema a que pertencem determina que elas significam. (SANTAELLA, 2002 p.14)

Como podemos ver, através dessa explicação, esse sistema criado para determinar nossa maneira de entender o tempo é quebrado violentamente por Carroll através de uma personificação do tempo. Percebemos isso pelo uso do “T” maiúsculo no texto. Lembrando que só foi possível personificar o tempo por se tratar de uma obra de ficção, dificilmente lidaríamos como o tempo dessa maneira no nosso cotidiano. Essa reflexão pode ser muito bem aprofundada estudando como somos determinados a entender o significado das coisas ou como somos seduzidos a entender somente aquilo que estamos habituados a entender.

Mas voltando a discussão sobre a interpretação, podemos dizer que apesar da liberdade do leitor em perceber a obra segundo sua própria visão, isso não significa que o leitor-modelo não tenha regras bem específicas a serem seguidas. Se quisermos entender melhor a obra, temos que estar atentos à “[...] estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo[...].” (ECO, 2001, p.21). Essas regras nem sempre são muito fáceis de serem encontradas, pois cabe aos leitores interessados esgotarem a obra. Certamente isso exigiria várias leituras, no caso de obras como as de Alice. Mas isso não elimina o prazer do texto uma vez que se possa sempre descobrir novos caminhos, novas interpretações. “[...] A experiência de reler um texto ao longo de quarenta anos



me mostrou como são bobas as pessoas que dizem que dissecar um texto e dedicar-se a uma leitura meticulosa equivale a matar sua magia.[...]"(ECO, 2001, p.18).

Por tudo o que foi dito até agora já poderíamos dizer que a obra não se apresenta única e exclusivamente para o público infantil, mas é fato que Carroll levasse em conta as crianças ao escrever a obra. É fato também que em sua época ele desenvolveu vários jogos de lógica. Seu envolvimento com as crianças e sua apreciação pela lógica contribuiu para o desenvolvimento de uma narrativa que explorasse e questionasse tudo que se possam imaginar, desde obras de arte, poemas, teorias científicas, etc. Temos que levar em conta essa relação antes de definir um estilo literário específico.

Para entender o estilo literário de Carroll temos que estar atentos a proposta de leitura como em **looking-glass** quando o autor coloca uma situação fora da história, mas ligada a ela, um jogo de xadrez onde as peças já estão dispostas numa jogada. Nós, assim como Alice somos inevitavelmente compelidos ao jogo, mas sem interferir diretamente. Assim Alice entra num mundo que não para de se mover e não para de interagir com ela, desde elementos como uma planta até a geografia do lugar (o mundo é o próprio tabuleiro de xadrez). Paralelo a todos os movimentos de Alice há um jogo em andamento. Para nós leitores essa é uma oportunidade de imaginarmos como vai acabar a história, sendo que temos pleno acesso às informações das peças dispostas no tabuleiro.

Esses fatores podem levar o leitor a considerar as histórias como surreais ou sem sentido. Mas seria um erro considerar isso, pois Carroll não abandona os elementos lógicos e sim amplia as regras para que elas se transformem na própria estratégia narrativa, em outras palavras o texto funciona como um jogo. Mas sendo assim, qual seria o estilo literário das obras de Alice?

Certamente, como foi comentado por Leite, as obras de Alice caracterizam um estilo chamado nonsense.

Segundo Elizabeth Sewell⁸ o nonsense funciona como um sistema fechado com suas leis estritas, guardando relações com a lógica, a matemática e, sobretudo o jogo. Diz ela, que o nonsense exclui os processos afetivos e como se trata de um jogo, ele acontece num espaço tempo, além de haver relações dialéticas, principalmente com a protagonista Alice, onde ela passa o tempo todo travando batalhas de competição e

⁸ Sewell, Elizabeth. “ The nonsense system in Lewis Carroll’s work and ind today’s word”, in **Lewis Carroll observed**, op. cit.



rivalidade. Nesse jogo há um equilíbrio entre significados diversos através de trocadilhos ou portmanteaux.

Alguns leitores desavisados podem confundir as histórias de Alice como sendo ligadas ao surrealismo. Bem diferente disso Michael Holquist⁹ explica a diferença entre nonsense e o absurdo (surreal). Segundo ele o nonsense está ligado a ordem e configura um processo em si mesmo através de valores puramente lógicos, já o absurdo lida com valores humanos (ordem e desordem). Assim, levando-se em conta o leitor-modelo, ele representa os valores humanos através da personagem Alice num mundo organizado com suas próprias regras.

Longe de sugerir um universo puramente infantil o nonsense não é considerado um humor comum como acontece na maioria dos contos infantis. Assim Leite explica:

Algumas explicações do sentido desses livros levaram os intérpretes a conclusões perturbadoras. Como pode ser, se neles predominam o humor, o **wit**, o **nonsense**? Donald Rackin¹⁰ adverte que o riso de modo algum é reservado a uma visão otimista do mundo, chamando a atenção para a dicotomia nos livros de Alice entre humor natural e orgânico, e o **wit** distanciado, artificial, que dissolve tudo em incongruências “inumandas”. (LEITE, 1980, p.23).

Sendo assim, Leite reafirma a relação existente entre nonsense e os jogos de lógica. O leitor-modelo, ou leitor ideal que sugere um jogador disposto a jogar.

Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isso com frequência, porém o devaneio não é uma coisa pública; leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivéssemos em nosso jardim particular.[...] Cabe, portanto, observar as regras do jogo, e o leitor-modelo é alguém que está ansioso para jogar. (ECO, 2001 p. 16).

Mas alguns franceses, como diz Leite, preferem analisar esse estilo segundo a relação entre significado e significante numa relação dual.

O sentido de sua obra se revelaria, mais do que através da visão simbólica, pela percepção do jogo dialético permanente entre significante e significado, do jogo das palavras e do que elas significam, ou do questionamento das regras lógicas pelo **nonsense** e pelo paradoxo. (LEITE, 1980, p. 23).

Como vemos, para o leitor as interpretações óbvias e as leituras ingênuas da obra de Carroll podem levar a considerar as aventuras de Alice como estilo literário infantil.

⁹ Holquist, Michael. “What is a Boojum? Nonsense and modernism” (public. Orig. in **Yale French studies**, 1969).

¹⁰ Rackin, Donald. “Laughing and grief: what’s so funny about **Alice in Wonderland**?”, in **Lewis Carroll observed**, op. cit.



Também se devem evitar as leituras de caráter psicanalíticas por serem de intencionalidade pouco comprovada por referências concretas.

Fica só em esboço essa curiosa trilha semiótica. Na verdade, as leituras alegóricas e psicanalíticas são opostas e complementares por inversão: uma reduz tudo à total intencionalidade objetiva, a outra à total inconsciência das representações poéticas. (LEITE, 1980. p. 9).

O interpretante dos textos de Alice é alguém ansioso para jogar com as regras dispostas pelo autor. Segundo Umberto Eco, para que ocorra o prazer é fundamental que o leitor entenda as regras do jogo e se coloque como leitor-modelo nesse caso. Mais adiante analisaremos a relação existente entre autor e leitor.

2.1 Quem é o autor?

Carroll construiu um mundo com suas próprias leis. Alice é uma intrusa nesse mundo e fica surpresa com tudo o que vê. A inversão das coisas, os questionamentos, tudo é colocado de forma a deixar a personagem desamparada, desnordeada. Alice chega ao cume de perder sua própria identidade. Esses acontecimentos na história são sucessivos e rápidos; o leitor mal tem tempo para pensar em resolver o problema de Alice, pois logo na frente há outro, e outro... Num caminho ascendente que termina numa explosão de sentimentos no final, quando Alice acorda.

Mas além do papel do leitor, precisamos identificar quem conta a história e como ela é contada. O autor é a entidade dentro do texto que determina escolhas a serem feitas, isto é, coloca o leitor em situações onde exige que este faça escolhas, que se envolva com os personagens ou mesmo que se sintam como eles:

Num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo. Na verdade, essa obrigação de optar existe até mesmo no nível da frase individual – pelo menos sempre que esta contém um verbo transitivo. Quando a pessoa que fala está prestes a concluir uma frase, nós como leitores ou ouvintes fazemos uma aposta (embora inconscientemente): prevemos qual será sua escolha. (ECO, 2001 . 12).

Alice se vê do outro lado do espelho e é transportada até ele em **looking-glass**, quando isso acontece, a sala descrita na obra se amplia a outro universo do qual somos tentados a conhecer. Essa estratégia leva o leitor a fazer apostas para tentar descobrir o que vai vir em seguida. “[...] O processo de fazer previsões constitui um aspecto

emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos, bem como a tensão resultante de nossa identificação com o destino das personagens.” (ECO, 2001, p. 58). No entanto uma das coisas que mais incomodam os leitores é o fato dos acontecimentos serem absolutamente imprevisíveis. Talvez essa seja a principal estratégia narrativa das obras de Alice, surpreender o leitor a cada página.

Lewis Carroll é quem nos conta a história de Alice. Mas antes de tê-la publicado contou a uma menina chamada Alice (a Alice do mundo real). Podemos ver isso claramente no poema que antecede o primeiro livro:

No verão na tarde de ouro, Deslizamos vagarosamente. Nossos remos são manejados; Sem perícia, no sol ardente: Mãos gentis, que fingindo vão; Guiar nosso passeio errante. Ah, cruel trio, que em tal hora, Sob o céu de esplendor e sonho, Implora um conto sem vigor; E de pobre alento, enfadonho. Mas que pode tão fraca voz; Contra o coro infantil, risonho? Prima decreta, imperiosa: “Agora, por que não começa?... Em tom brando, Secunda roga: “Que seja sem pé nem cabeça!” E Tertia, uma vez por minuto; Fala somente, não se apressa. Logo mais se calam, de súbito, E vão seguindo em fantasia; A viagem-sonho de da heroína; no país de assombro e magia; Em alegre charla com os bichos. E crêem um pouco na utopia. (CARROLL, 1980, P. 39).

Nesse trecho, Carroll expõe aos leitores algo da própria sua própria realidade como pano de fundo para sua obra. Antes de Alice entrar em ação há uma pré-história, que colore o fundo da obra e direciona nossa interpretação: Havia um homem que passeava de barco com duas meninas, estas, pediram-no que contasse uma história, ele atende ao pedido e a história começa. É evidente que quem conta a história nem sempre é o autor, pois nesse caso há também segundo Eco o autor modelo e o autor empírico. O primeiro se faz pela voz que conta a história, temos que identifica-lo, possui características próprias. Já o autor empírico, talvez jamais iremos conhecer, pois se trata do próprio autor em si, da sua maneira de pensar e apreender o mundo. Mas como identificar nas histórias de Alice quem é o autor dentro da obra e quem é o escritor na vida real? Para isso temos que levar em conta que Lewis Carroll de certa forma foi criado para representar o autor na obra, assim: O escritor era Charles Lutwidge Dodgson e este assumiu outro nome para contar as histórias (Lewis Carroll). Ora, temos um universo criado por Dodgson que escreve um poema no início da obra dando a entender que se chama Carroll e está passeando com a Alice e esta lhe pede que conte a história que se segue. Parece difícil identificar onde começa a fantasia do autor e termina a realidade de sua vida particular.



Na verdade, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém são com efeito “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre. Como não podemos ultrapassar suas fronteiras, somos levados a explorá-los em profundidade. (ECO, 2001, p.89).

Essa confusão é uma estratégia criada pelos autores de ficção para fazer com que o leitor se perca no bosque da narrativa. Segundo Eco, nós como bons leitores, queremos nos perder nesse bosque. O prazer na leitura dessas obras se dá justamente pelo fato da dificuldade de entender nosso mundo no cotidiano, que em geral, se apresenta como algo contínuo e imprevisível.

2.2 Confrontação

Realizou-se uma pesquisa descritiva do tipo qualitativa para fazer a análise da interpretação das obras de Lewis Carroll: **Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou lá**. Essa pesquisa foi aplicada em forma de entrevista com duas perguntas abertas.

O objetivo dessa pesquisa foi estudar a interpretação sugerida pela obra através da influência do mercado editorial e a interpretação dos professores e confrontá-los para análise.

Foram selecionadas uma escola estadual, e uma particular, ambas no ensino médio. A pesquisa foi realizada no dia 28 de Abril e dia 4 de maio respectivamente. Totalizando um total de 14 questionários respondidos.

- 6 dos 14 professores entrevistados responderam que o estilo é infantil.
- 3 dos 14 professores entrevistados se isentaram de definir o estilo alegando que não conheciam profundamente a obra ou não a leram.

Os restantes dos entrevistados tiveram respostas variadas como; estilo ficcional, fantástico, psicodélico, adolescente, jovem, romance, moderno e filosófico.



Houve dificuldade em responder a segunda pergunta referente aos elementos contidos nas obras de Alice que os levaram a definir o estilo. 12 entrevistados não conseguiram citar nenhum elemento claro na obra, como personagem, enredo, narrativa, etc. Além disso, alguns professores disseram ter pouco interesse na obra.

A pesquisa revelou que a maioria dos professores tem pouco conhecimento sobre o conteúdo das obras de Alice. Segundo um professor 01: “É uma obra literária infantil que não me atraiu quando eu era criança. Acho desinteressante.” Professor 02: “Ficcional fantástica; psicodélica.” professor 03: “Defino como estilo infantil. Num cenário de um mundo surreal é que o autor agrada as crianças”.

Como se vê nessas três respostas, alguns professores consideram a obra pouco envolvente, sendo voltada mais para o público infantil. Além de relacionarem as histórias a meras fantasias para criança.

Além das respostas escritas houve muita dificuldade para apresentar a proposta de pesquisa nas duas escolas. Os professores mostraram muita resistência ao responder as perguntas. Alguns preferiram não responder alegando que o conteúdo da pesquisa não lhes dizia respeito. Outros professores entregaram a pesquisa em branco dizendo não se tratar de sua especialidade.

Nenhum professor mencionou o nonsense como possível estilo literário. Porém dois professores reconheceram a obra como um clássico da literatura e demonstraram saber que a obra contém poesias.

Podemos generalizar as respostas em três aspectos:

- Identificação das obras de Alice como conto infantil.
- Pouca intimidade com a obra.
- Desinteresse pela literatura.

Como podemos através das respostas da entrevista com os professores em **Alice no país das maravilhas** e **Através do espelho e o que Alice encontrou lá**, o interpretante pode variar conforme a maneira como cada indivíduo apreende a obra, ou seja, sua percepção. Com isso, Santaella explica que tudo aquilo que está para ser apreendido pela nossa mente, Peirce chama de percepto. No nosso caso, o percepto é a obra de Alice, assim ela explica que:

O percepto, em si, seria aquilo que, até certo ponto, independe de nossa mente. Corresponde ao elemento não-racional, que se apresenta à apreensão de nossos sentidos. O percipuum já seria o percepto tal como ele se apresenta no julgamento de percepção. Seria o percepto, portanto, na sutil, mas marcante, mudança de natureza por que passa, ao ser incorporado à nossa mente, ao nosso processo perceptivo. (SANTAELLA, 1998, p.59).

Santaella também explica que nós captamos o percepto, mas que ele passa pelo filtro de nossos sentidos e quando chega a nossa mente se torna um percepto modificado. É no nosso julgamento de percepção, que esse percepto se transforma no que Peirce chama de Percipuum. Com essa explicação chegamos ao entendimento de que cada indivíduo vai ter uma percepção diferente da obra, com isso o Leitor-modelo proposto pelo texto nem sempre será seguido pelo leitor empírico. O seja, o perfil do leitor que conseguimos traçar da obra é de um leitor disposto a percorrer o mundo ficcional de Lewis Carroll e se surpreender com os questionamentos levantados pelos personagens; se atentar para o drama de Alice quando ela é colada em dúvida. Mas necessariamente o Leitor-modelo de Eco pode não figurar como único meio de entender como a obra pode ser percebida.

A tendência da obra segundo o Leitor-modelo é interessante, pois pode ter uma série de conseqüências: ter um olhar crítico para nossas próprias convenções; enxergar através dessas simples histórias um universo maior de possibilidades; quebrar pré-conceitos em relação a tudo que conhecemos; estabelecer um contato mais direto com aquilo que percebemos, justamente pela desconstrução das crenças. Mas não podemos dizer efetivamente que todos os leitores passarão por essa experiência, pois cada um tem um julgamento de percepção que lhe é próprio:

Pois ele já é a tradução do percepto de acordo com o modo como estamos aptos a traduzir o que vem do mundo exterior. O percipuum está localizado abaixo do nível de nossa deliberação e autocontrole. Ele flui e aflui continuamente dentro de nós, visto que, o percepto não é quase nunca algo isolado, mas um compósito contínuo. Tão logo o percipuum aflui, ele é imediatamente colhido e absorvido nas malhas dos esquemas interpretativos com que somos dotados: os julgamentos de percepção. Daí, Peirce ter dito que só percebemos o que estamos equipados para interpretar. Ou seja, só ouvimos o que podemos ouvir, só entendemos o que podemos compreender. (SANTAELLA, 1998, p.99).

Sendo assim, os interpretantes das obras dependem única e exclusivamente dos dois aspectos da percepção segundo Peirce: percipuum e julgamento de percepção. Podemos dizer com essas novas argumentações que o estudo dos interpretantes das



obras de Alice não figura exclusivamente no texto, mas vão além dele, ou seja, na mente de cada indivíduo que se apresente frente à obra.

6 Considerações finais

Sobre a obra podemos afirmar que não se trata de caprichosas fantasias infantis, antes nos lançam problemas de teor avançado. Também ficou evidente na pesquisa realizada que, é muito mais confortável conceituar a obra previamente do que lançar sobre ela uma visão aberta, disposta a percorrer os caminhos propostos pelo autor. Assim os professores se mostraram fechados à experiência proposta pelo leitor-modelo. Os estudos sobre percepção se confrontaram com a teoria do leitor-modelo, a primeira por se apresentar numa amplitude capaz de analisar elementos fora da obra, a última por se fechar num modelo definido pelo texto que pode ou não funcionar.

Referências

- ATAIDE, Vicente. **A narrativa de ficção**. 3. ed. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1974.
- CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. 9.ed. São Paulo: Summus, 1980.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- IBRI, I.A. **Kósmos Noëtos: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Pierce**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p34 a 35.
- LEITE, Sebastião Uchoa. O que a tartaruga disse a Lewis Carroll. In: CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. 9.ed. São Paulo: Summus, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia. **A percepção**. Uma teoria semiótica. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998.